



**PPGART**  
editora

**ALFREDO** EM PROCESSO;  
**NICOLAIEWSKY** EM QUARENTENA

**PPGART**  
editora

**ALFREDO NICOLAIEWSKY**  
ORGANIZAÇÃO

**ALFREDO** EM PROCESSO;  
**NICOLAIEWSKY** EM QUARENTENA

**TEXTOS**

BLANCA BRITES  
EDUARDO VERAS  
ICLÉIA CATTANI  
JOANA BOSAK  
KÁTIA POZZER  
MARILICE CORONA  
MARIZE MALTA  
NARA AMÉLIA  
PAULA RAMOS  
PAULO GOMES  
TADEU CHIARELLI

SANTA MARIA  
2020

**PPGART**  
editora

© de Alfredo Nicolaiewsky

1ª edição: 2020

Organização: Alfredo Nicolaiewsky

Revisão de texto: Luana Nicolaiewsky

Fotografia: Alfredo Nicolaiewsky

Design gráfico: Sandro Ka

A892 Alfredo em processo; Nicolaiewsky em quarentena [recurso eletrônico] / Alfredo Nicolaiewsky, organização ; textos Blanca Brites, Eduardo Veras, Icléia Cattani, Joana Bosak, Kátia Pozzer, Marilice Corona, Marize Malta, Nara Amélia, Paula Ramos, Paulo Gomes, Tadeu Chiarelli ; [revisão de texto: Luana Nicolaiewsky ; design gráfico: Sandro Ka]. – 1. ed – Santa Maria, RS : Ed. PPGART, 2020.  
1 e-book: il.

ISBN 978-65-88403-05-1

1. Pintura – Nicolaiewsky, Alfredo 2. Nicolaiewsky, Alfredo – Pintura 3. Diálogos – Isolamento social – Covid-19 I. Nicolaiewsky, Alfredo II. Brites, Blanca Luz II. Veras, Eduardo Ferreira IV. Cattani, Icléia Maria Borsa V. Figueiredo, Joana Bosak de VI. Pozzer, Kátia Maria Paim VII. Corona, Marilice Villeroy VIII. Malta, Marize IX. Silva, Nara Amélia Melo da X. Ramos, Paula Viviane XI. Gomes, Paulo César Ribeiro XII. Chiarelli, Tadeu XIII. Nicolaiewsky, Luana XIV. Ka, Sandro  
CDU 75NICOLAIWSKY

869.0(81)-83

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte CRB-10/990  
Biblioteca Central - UFSM

Todos os direitos desta edição estão reservados à Editora PPGART.

Av. Roraima 1000. Centro de Artes e Letras, sala 1324. Bairro Camobi. Santa Maria/RS - Telefones: 3220-9484 e 3220-8427  
E-mail: editorappgart@ufsm.br e seceditorappgart@gmail.com  
<http://coral.ufsm.br/editorappgart/>

## **Uma experiência e tanto!**

Marilice Corona

Era 16 de abril de 2020, quinta-feira. Nesse dia fechava um mês em que estávamos em isolamento, em casa, devido ao estouro da pandemia de Covid-19 no Brasil. As aulas no Instituto de Artes da UFRGS recém haviam iniciado e logo as atividades foram canceladas. Estávamos assustados. Tudo muito desconhecido. As instruções eram as mais variadas e o medo de colocar o pé na rua aumentou conforme éramos informados pela TV sobre o número crescente de infectados e o número de mortos aumentando a cada dia. Uma situação nunca antes vivida. Fomos afastados dos amigos e dos parentes queridos. De repente fomos privados de visitar nossos pais de idade avançada por colocá-los em risco. Acredito que todos nós começamos a nos perguntar como enfrentar essa espécie de suspensão de tempo; esse intervalo de vida em comum. Cada um de nós, com certeza, vêm tentando encontrar uma saída ou muitas. As novas tecnologias com seus aplicativos e plataformas têm auxiliado a amenizar as distâncias e descobrimos alternativas para reinventar o cotidiano.

Pois, foi nesse dia 16 que recebi, pelo Whats App, uma mensagem do amigo e colega Alfredo Nicolaiewsky. Tratava-se de um convite inusitado para integrar um grupo de pessoas amigas, teóricos, críticos e artistas, com o

objetivo de conversar, via Whats, sobre o seu processo de trabalho. Segundo Alfredo, ele estaria retomando a pintura depois de alguns anos e queria conversar sobre isso. Tinha planos em mente.

A princípio pensei, o que o Alfredo, com toda sua experiência artística, com toda sua maturidade, deseja de nós? Afastado das atividades docentes, devido à pandemia, o artista achou uma saída estimulante para enfrentar o período de distanciamento social e voltar ao seu trabalho. Por certo poderia fazê-lo sozinho, em seu atelier. Mas, como sempre, encontrou um modo criativo de, não apenas utilizar um novo canal de comunicação, mas também uma nova forma de produzir o registro desse percurso. A meu ver, esses dois aspectos irão, inelutavelmente, tornar-se a expressão do momento histórico em que estamos envolvidos. Alfredo não foi criativo apenas em sua nova série de pinturas, como veremos, mas no modo como agenciou todo esse processo.

Por fim, aceitei o desafio! Pensei, vamos lá! Uma ótima chance para exercitar a sensibilidade e o raciocínio, enfim, falar sobre arte. Mas, ao mesmo tempo, como artista me perguntava até onde poderia falar, dar "pitaco" sem interferir demais? Sabe-se o quão delicado é mostrar para alguém um trabalho inacabado, em processo. E sabia também que seria uma experiência um pouco distinta da que tenho no atelier de pintura com os alunos. Quando nos profissionalizamos já quase não praticamos

isso, a não ser com algum curador ou pessoa mais próxima. Mas, dificilmente, em grupo. O artista que trabalha com pintura e desenho em seu atelier experimenta, normalmente, um espaço de isolamento. Talvez por isso não nos custe tanto ficar em casa. A rotina, nesse aspecto, não muda muito.

Junto ao convite, Alfredo enviou-me seis imagens. Cinco imagens de trabalhos recém feitos e em andamento e uma foto de seu apartamento que enviou por engano. Será? Um ato falho? Pois imediatamente relaciono a padronagem do parquet de seu corredor com as padronagens configuradas em suas novas pinturas. Alfredo formou-se em arquitetura, em 1976, e me parece que sempre trouxe desse universo variados elementos. Sejam esses estruturais, compositivos ou ornamentais. Há alguns anos atrás havia visitado o apartamento do artista depois de uma reforma. Cobogós, charmosos parquets anos 50/60, ladrilhos hidráulicos, toalhas de plástico com estampas retrô e bibelôs de época, fazem parte da "mistura fina" ao dividirem espaço com sua coleção de obras de arte. Então não, Alfredo, a foto não veio por engano! É por esse corredor que pretendo entrar na tua casa. Ou seria melhor dizer "caixa"? Não seria uma caixa aberta senão uma planta, uma vista de topo de um espaço projetado, desenhado, designado, desejado?

Alfredo, de certa forma, retoma seus trabalhos em papelão dos anos de 1980. E, com todo



desprendimento, parece empurrar a velha pedra de Sísifo que todo artista carrega consigo. Sempre retornamos a velhas questões, mas empreendemos subidas diferentes. O que me parece fascinante no percurso de Alfredo é a capacidade de se jogar como um jovem aprendiz, mantendo o frescor característico do que é experimental. Não há ali nenhum material nobre. O suporte/estrutura trata-se de caixas de papelão que o artista encontra pela rua sendo que o uso da tinta acrílica lhe proporciona trabalhar a cor de forma rápida, construindo camadas e criando texturas pelas marcas de pequenas pinceladas. Aparentemente tudo muito simples. Não há nenhum malabarismo técnico. Será?

Nas suas pinturas da década de 80 não havia preocupação em obedecer ao formato das dobras e cortes do papel. A meu ver, a intensidade do gesto parecia ter primazia ao delinear com fortes pinceladas os padrões e as formas sobre o suporte. No entanto, o suporte não se mostrava completamente passivo como uma tela em branco que deve desaparecer dando lugar a tinta. O papelão se manifestava em suas ranhuras, cortes e textura corrugada. O aspecto precário unia-se a materialidade da mancha cremosa, do escorrido e dos gestos gráficos. A matéria parecia ter mais relevância. Naquela época havia, de modo geral, no país e no âmbito internacional, um interesse crescente pelo aspecto experimental na pintura. Materiais reciclados e alternativos, considerados lixo ou resíduos da sociedade de

consumo, passaram a ser cada vez mais incorporados à pintura, principalmente a partir dos anos de 1960. Pintava-se com todo tipo de tinta; agregava-se terra e outras tantas coisas que com o tempo foram se deteriorando causando, aliás, muitos problemas aos restauradores. Quero dizer com isso que a atenção estava mais voltada para a experiência, para a busca de novas motivações que poderiam advir da experimentação de materiais distintos daqueles da tradição.

Observando essas pinturas dos anos 80 já podemos detectar certos procedimentos que são recorrentes no processo do artista como a montagem, a colagem, a justaposição, a repetição, as divisões de planos, o uso da volumetria em contraposição a planos chapados de cor, papel em branco ou superfícies de padrões. Padrões esses feitos a mão livre, ora mais gestuais, ora mais mecânicos ao modo das máquinas de reprodução de imagem. Ou por meio de outras estratégias de repetição. Nessa época os padrões eram mais florais, lembravam tecidos de chita, estampas de vestidos, cortinas, enfim uma padronagem muito popular. Essas estampas proporcionam pinceladas mais soltas e são resolvidas através de largas manchas.

Nas pinturas atuais, talvez por estar fechado em casa devido ao distanciamento social – ou na “caixa” (isso é pura especulação minha), os padrões parecem vir muito mais de elementos arquitetônicos. Seria possível dizer que as

frestas, as sobreposições de paredes, aberturas de área de serviço, esquadrias, portas e janelas, cobogós, ladrilhos, pisos quadrangulares, os desenhos do parquet e outros elementos saltaram para a caixa que agora se abre sobre a mesa ou apoia-se no cavalete. Já é peculiar esse duplo movimento do fazer: da horizontal para a vertical, da mesa para o cavalete (ou ainda do olhar dirigido ao chão e também à parede?) A Série Quarentena nº 4 é um bom exemplo.

Boa parte das pinturas dos anos 80 eram circundadas por margens, por bordas. Os padrões obedeciam aos limites. Mesmo aquelas em que as molduras também eram pintadas, tudo parecia acomodar-se no centro. O formato quadrangular e a repetição das bordas não pareciam ser ultrapassados.

Em suas pinturas atuais, em contrapartida, parece haver uma intenção de romper o confinamento. Os padrões salientam ainda mais os planos demarcados pelo rastro das dobras do papelão e tem-se a impressão que as pinturas crescem para os lados e para cima. Poderiam ser infinitas; expandir, crescer nas paredes. Muitas partes poderiam ser acopladas. Não há moldura, não há limite. O suporte deixa de ser espaço para a representação, vira objeto cuja estrutura se impõe. No Série Quarentena nº 13, *A espera*, o suporte sai dos bastidores e vira protagonista. As cores e formas serpenteiam a grande zona quadrangular de papelão cru. Pequenas formas coloridas, acopladas à borda, habitam agora na

periferia. O jogo agora se dá na área externa da casa, ao redor. No quintal, no pátio, no jardim, na rua! Que saudades da rua! (projeção minha!) Dessa forma, Alfredo também propõe um movimento inverso. Normalmente se começa de dentro para fora do papel ou da tela. Aqui a proposição é diversa. De fora para dentro chega-se ao suporte vazio. O vazio que traz consigo uma interessante ambivalência: podemos encará-lo como um disparador da angústia ou como potência. O título nos leva a muitas possibilidades.

O aspecto construtivo acentua-se cada vez mais. Tanto do ponto de vista da forma como da cor. Alfredo emprega cores diferentes nas pinturas atuais. O colorido é mais baixo, a palheta mais trabalhada. Tons terrosos, alaranjados ao lado de azuis e turquesas de muitas tonalidades. Talvez sejam cores advindas das palhetas prediais e não mais dos tecidos. Cores dos tijolos, lajotas, ladrilhos, paredes azuis, etc. Percebe-se mudanças sutis de tonalidades em um mesmo plano. Há uma forte arquitetura não apenas de formas, mas de cor. E como não falar no requinte das cores frias de *Lindona* ou *Ingrato*, nº 18? E esses recortes marrons, mais orgânicos sobre o fundo gélido.

O artista nos presenteia com sínteses incríveis! Apaixonei-me por *Amo!!!* Com tão poucos elementos, tão econômico e tão indizível. Não há como falar. Qualquer coisa a ser dita soa como um excesso. São trabalhos para serem sentidos. Oferecidos à percepção. Casamento

indissolúvel entre forma e conteúdo, materialidade e ideia, sensível e inteligível. Há coisas que não podem ser transcritas em palavras, pois, vivem na pintura.

Obrigada Alfredo por partilhares conosco esse processo tão íntimo. Foi bonito ver teu desdobramento. O modo como fostes limpando as ideias e a pintura. Admiro muito essa postura humilde diante da retomada do trabalho, essa consciência de que durante uma vida toda, por mais experientes que venhamos a nos tornar, sabemos que todo início de uma série é desafiador. E talvez seja isso que nos faça continuar empurrando a pedrinha morro a cima. Não importa se ela chega no topo ou que caia lombada abaixo. O que importa é o desafio e a vontade de empurrá-la. Importante é o percurso que nunca é o mesmo, sendo.

Nossas conversas no whats me ajudaram muito a passar por esse momento tão triste e devastador para tantas pessoas. Havia uma alegria no grupo, creio que todos se sentiam motivados e sempre à espera das tuas novidades. Pra mim foi um grande prazer ouvir os diferentes comentários e percepções sobre o processo. A riqueza de um grupo está na diversidade das colocações e no respeito por essa mesma diversidade. Uma experiência e tanto! Agradeço a todos os companheiros e a ti, especialmente! Bora trabalhar!